

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS EM PROGRAMAS JORNALÍSTICOS POPULARES BAIANOS: UMA ANÁLISE RETÓRICO-DISCURSIVA

Cláudio Gonçalves Gomes

Introdução

A discussão em torno do *ethos* (imagem do enunciador no discurso) tem sido objeto de interesse de inúmeras pesquisas acadêmicas. Esse conceito, oriundo da retórica aristotélica, havia sido esquecido por um bom tempo e volta à tona numa perspectiva retórico-pragmático-discursiva. Nessa linha, inserem-se os trabalhos de PLantin, Kerbrat-Orecchioni, Amossy, Maingueneau, Charaudeau, entre outros.

Neste artigo, propomos a discussão dos *ethe* jornalísticos de dois programas populares (*Balanço Geral* e *Se liga Bocão*) da emissora baiana, focalizando, sobretudo, os discursos dos sujeitos enunciadorees (Raimundo Varela e José Eduardo), visando verificar em que medida os *ethe* desses apresentadores contribuem para a adesão do auditório/ público-alvo desses programas, consolidando, com efeito, a credibilidade e a legitimação destes nestas emissões de cunho popular.

O roteiro trilhado, neste trabalho, apresentar-se-á na seguinte direção: em primeiro lugar, faremos uma breve contextualização dos programas, seus principais quadros e um pouco da história profissional dos seus apresentadores. Em seguida, buscando subsidiar a análise, percorremos as bases do estudo do *ethos* com a Retórica de Aristóteles, os trabalhos desenvolvidos, numa perspectiva pragmático-discursiva, pelos trabalhos de Maingueneau (2001, 2005, 2006), Amossy (2005) e Charaudeau (2006). Por fim, faremos uma breve análise da construção do *ethos* legitimador dos apresentadores Raimundo Varela e José Eduardo, com base em signos ilocutórios e oratórios por meio dos quais os oradores/ sujeitos oferecem imagens de si mesmos, visando à captação

dos sujeitos destinatários dos programas supracitados. Para tanto, tomaremos como *corpus* trechos dos programas gravados entre janeiro e março de 2008.

Ethos e retórica

Ao tratarmos do *ethos*, é fundamental remeter à Antiguidade Clássica, berço da Retórica. Aristóteles discorre sobre os meios discursivos por meio dos quais o orador visa convencer/ persuadir o seu auditório. Tais provas se assentam em três categorias: o *ethos* (o caráter do orador), o *logos* (a argumentação) e o *pathos* (as paixões do auditório). O *ethos* e o *pathos* estão relacionados com as emoções, as paixões e os sentimentos. Enquanto este se liga ao auditório, aquele está ligado ao orador. Vale salientar que tais categorias não são estanques. Elas circulam no discurso atreladas à situação comunicativa, ao gênero discursivo, etc. Conforme destaca Menezes (2005, p.4):

Cada espaço e tempo social parecem possuir as suas representações sobre o que se apresenta como mais importante no discurso: se o caráter do orador, se as emoções ou se o discurso em si e a razoabilidade que apresenta. [...] uma visão integrada das três espécies de prova não impede que se perceba, em uma situação empírica concreta, a predominância de uma ou outra espécie. Uma boa parcela da ação discursiva do sujeito/orador acha-se determinada a priori, tanto pela finalidade persuasiva do seu discurso quanto pela situação de fala.

Neste artigo, ater-nos-emos ao *ethos*, embora reconheçamos que o *logos* e, sobretudo, o *pathos* estão intensificadamente presentes nos programas populares, objeto deste trabalho.

Aristóteles postula três maneiras de que o *ethos* se reveste: *areté* (virtude), *phronésis* (sabedoria) e *eunóia* (benevolência). Nota-se que tais ares apresentam bases morais. Destaca-se que tais qualidades não constituem os hábitos reais do orador, mas sim os costumes depreendidos no discurso. Pauliokonus e Monnerat (2008) ressaltam que essas qualidades se assentam

em normas, crenças que repousam em um consenso. Com efeito, esses ares podem ser pensados na condição de estereótipos.

Os estereótipos podem ser definidos, grosso modo, como representações cristalizadas que determinados grupos fazem uns dos outros, uma imagem homogeneizadora de indivíduos ou grupos.

Bordieu (1982) ressalta que a eficácia da ação do orador sobre seu auditório não diz respeito tão somente ao aspecto lingüístico, mas também ao aspecto social. Em outras palavras, a imagem que o orador faz do seu auditório e vice-versa não depende tão-só do que é dito, mas da autoridade social que o legitima como portador da palavra, para falar sobre determinado assunto. Quanto maior o conhecimento o orador tiver da imagem do seu auditório, maior a possibilidade de captação deste. Esse jogo de imagens ocorre com base em modelos culturais conhecidos do orador e do auditório. Nesse sentido, os estereótipos dizem respeito a esquemas pré-existentes, repertório de esquemas, conforme pontua (AMOSSY, 2005). Ainda ressalta Amossy (2005) que cabe ao receptor fazer uma impressão do orador com base em uma categoria conhecida.

***Ethos*: uma visão pragmático-discursiva**

No âmbito de uma pragmática enunciativa, Ducrot (1987), numa perspectiva polifônica da enunciação, distingue o locutor do enunciador. Este o agente do ato locucionário, aquele o autor do discurso. Ducrot (1987) distingue ainda o locutor “L” do locutor lambda. Este constitui o locutor na condição de ser do discurso, ao passo que aquele constitui o ser do mundo. Nesse contexto, Ducrot (1987) defende, nesse quadro teórico, que o *ethos* está ligado ao locutor “L”, já que este constitui produto do discurso. Assim, Ducrot (1987) vai argumentar que o *ethos*

não se trata de afirmações auto-elogiosas que ele pode fazer de sua própria pessoa no conteúdo do seu discurso, afirmações que podem ao contrário chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação calorosa ou severa, a escolha das palavras, os argumentos (o fato de escolher ou de negligenciar tal argumento pode

parecer sintomática de tal qualidade ou de tal defeito moral)
(DUCROT, 1984 p. 188-189).

Dominique Maingueneau (2001, 2005, 2006), retomando a retórica nos quadros da análise do discurso, argumenta que o *ethos* vincula-se ao ato de enunciação. Ressalta, porém, que o público constrói representações prévias do enunciador. Com efeito, estabelece a distinção entre o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo. Enfatiza, não obstante, que tal distinção deve levar a diversidade dos gêneros discursivos.

Amossy (2005), por sua vez, prefere adotar o termo *ethos* prévio, calcado nas informações que circulam antes do discurso em relação ao locutor, levando em consideração o interdiscurso. Considera, portanto, que o *ethos* prévio pode ser recuperado mediante várias pistas entre as quais destacamos:

- a) marcas linguísticas;
- b) *ethos* mostrado que pode remeter a um *ethos* pré-concebido;
- c) história discursiva;
- d) interdiscurso
- e) situação comunicativa

Ainda retomando Maingueneau (2005, 2006), a concepção do *ethos*, também, está vinculada às cenas da enunciação, as quais são classificadas em cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante ao tipo discursivo (publicitário, jornalístico, administrativo, etc.); a cena genérica concerne aos gêneros do discurso (artigo, reportagem, outdoor, consulta médica, etc.); a cenografia diz respeito “à cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar deve validar através de sua própria enunciação [...]” (MAINGUENEAU, 2006, p.67). Este autor trabalha com uma concepção encarnada do *ethos* que engloba não só a dimensão verbal do discurso, mas também aspectos físicos e psíquicos atribuídos ao fiador pelas representações sociais. Esse fiador, por meio de um tom, corporifica-se, apresentando sua vocalidade.

Charaudeau (2006b), por sua vez, defende que o *ethos* constitui uma imagem transvestida do interlocutor com base naquilo que ele diz. Assim, o *ethos*

resulta no “cruzamento de olhares. Olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê” (CHARAUDEAU, 2006b, p. 115). Nota-se, pois, que o *ethos* diz respeito a um conjunto de imagens atreladas ao locutor e ao interlocutor no jogo comunicativo. Com efeito, argumenta esse teórico que o *ethos* não concerne tão somente à imagem do indivíduo, mas pode estar atrelado a um grupo no qual se configura o *ethos* coletivo, resultante de julgamentos realizados uns pelos outros, que se baseiam em traços identitários.

A noção de *ethos*, pois, para Charaudeau (2006b), está atrelada às identidades do sujeito. De acordo com esse pesquisador (2005, 2006a, 2006b) o sujeito apresenta uma identidade social que funda a sua legitimidade de ser comunicante em decorrência do estatuto dos papéis que lhe são atribuídos pela situação comunicativa. Por outro lado, o sujeito constrói uma identidade discursiva do enunciador, atrelada aos papéis atribuídos no ato de enunciação, decorrentes das coerções comunicativas que lhe são impostas e das estratégias discursivas que ele resolve seguir. Defende, portanto, que as identidades podem fusionar no *ethos*, visto que a distinção entre tais identidades (social e discursiva) é tênue, plasmando-se muitas vezes uma na outra.

Em função disso, o *ethos* é o resultado dessa duplicidade identitária que se funde numa identidade única. É preciso salientar, contudo, que os sujeitos podem valer-se de máscaras, ocultando sua identidade pelo que diz. Nesse processo, os sujeitos interpretantes do discurso tomam o dizer como uma dimensão daquilo que outro é (CHARAUDEAU, 2006b). Além disso, ainda segundo Charaudeau (2006b) não se pode esquecer que essa imagem discursiva nem sempre é consciente, Isso significa dizer que o sujeito, na maioria das vezes, não tem controle sobre a imagem de si. Daí afirmar-se que imagem percebida pelo destinatário nem sempre coincide com imagem transmitida. O destinatário pode construir uma imagem não desejada, não prevista pelo sujeito comunicante.

***Ethos* e estereótipos**

Retomamos a questão da relação do *ethos* com os estereótipos já mencionados anteriormente. Os estereótipos podem ser definidos, grosso modo,

como representações cristalizadas que determinados grupos fazem uns dos outros, uma imagem homogeneizadora de indivíduos ou grupos.

Bordieu (1982) ressalta que a eficácia da ação do orador sobre seu auditório não diz respeito tão somente ao aspecto lingüístico, mas também ao aspecto social. Em outras palavras, a imagem que o orador faz do seu auditório e vice-versa não depende tão-só do que é dito, mas da autoridade social que o legitima como portador da palavra, para falar sobre determinado assunto. Quanto maior o conhecimento o orador tiver da imagem do seu auditório, maior a possibilidade de captação deste. Esse jogo de imagens ocorre com base em modelos culturais conhecidos do orador e do auditório. Nesse sentido, os estereótipos dizem respeito a esquemas pré-existentes, repertório de esquemas, conforme pontua (AMOSSY, 2005). Ainda ressalta Amossy (2005) que cabe ao receptor fazer uma impressão do orador com base em uma categoria conhecida.

Programas populares: uma breve contextualização

O *Balanço Geral* ocupa um lugar privilegiado na emissora local, visto que, ao lado do programa *Se liga Bocão*, apresenta os maiores índices de audiência na grade da emissora. O programa é apresentado pelo radialista Raimundo Varela, profissional de larga experiência na TV baiana e no rádio. Esse apresentador constitui o mais polêmico da Bahia, conforme a emissora. Ademais, o programa visa mostrar a realidade e opinião dos baianos na TV, além de notícias do dia a dia. Ainda, segundo a emissora, o programa apresenta um forte compromisso com o social, com a comunidade local. Com efeito, expressa e faz valer a verdade, faz valer a voz do povo. O programa apresenta alguns quadros por meio dos quais as pessoas buscam revelar seus anseios, desejos, expressar suas queixas, reivindicações, etc. Os principais deles são: o **Praça do Povo** no qual a população apresenta seus apelos, busca por parentes desaparecidos, etc.; o **Povo Fala** no qual as pessoas fazem as suas reivindicações, pedidos mediante a mediação do apresentador (trata-se de uma interlocução que ocorre no estúdio); o **Disk Denúncia** no qual o telespectador participa através do telefone, fazendo suas queixas, deixando recados às autoridades, por meio de uma mensagem gravada.

Raimundo Varela tem um percurso profissional diverso antes de ser um apresentador de televisão e do rádio. Tornou-se gerente de uma fábrica de cimento no CIA (Centro Industrial de Aratu), gerente de um clube social na Cidade Baixa. Iniciou na TV Itapoan como jurado no programa de Waldir Serrão, que o manteve fixo. Em função do seu talento como jovem jurado, o diretor de programação da época quis garanti-lo na tela. Por sua trajetória esportiva, ex-jogador do Leôncio e do Ypiranga, Raimundo Varela foi convidado para ser comentarista esportivo (o Papo de Bola). Logo depois se tornara âncora do programa Telesporte, ao lado de Fernando José. Em virtude do sucesso, esses apresentadores ganharam um novo programa: o Povo na TV em 1980. Em 1990, o apresentador se transfere para Bandeirantes, apresentando o programa Jogo Aberto. Em 1997, retorna à TV Itapoan e novamente comanda o *Balanço Geral*. Ressalta-se o papel desse profissional que representa o tradutor da informação, defendendo os interesses do povo mais carente, lutando pelos seus direitos. Enfim, por aqueles que são vítimas da injustiça social.

O programa *Se Liga Bocão* é um “gênero” recente na programação local. Surgiu em 2003 na Aratu, afiliada do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) no horário de meio-dia, concorrendo com o programa *Balanço Geral* da TV Itapoan. O apresentador se transfere para a TV Itapoan em 2008. Seu antigo concorrente (Raimundo Varela) agora constitui um grande aliado na luta da emissora na conquista de mais audiência para o horário entre 12h e 14h.

O programa tem uma duração diária de 1h de segunda a sexta, no horário das 13h. Com uma linguagem coloquial e opinativa, o *Se liga Bocão* aborda temas voltados para dramas pessoais (violência doméstica, violência sexual), denúncias dos moradores quanto ao descaso da prefeitura referente aos problemas dos moradores dos bairros periféricos entre outras questões. Nesse contexto, afigura-se de suma importância o papel do jornalista José Eduardo como o mediador entre o programa e a população. Porta-voz dos mais carentes, este apresentador é visto como o “salvador da pátria” por esse público-alvo.

A política assistencialista constitui uma de suas estratégias na consolidação de uma imagem de homem simples do povo, solidário, que se preocupa com as mazelas sociais ante o descaso do poder público. Ao percorrer diariamente os bairros periféricos de Salvador (Mata Escura, Suussuarana, Paripe, etc.), atrai consigo uma multidão de aflitos, rostos massacrados pela dor

social, que apela para esse “salvador” na esperança de que este possa mitigar-lhe a carência.

Há vinte anos na TV, boa parte da sua carreira dedicou-se ao jornalismo. Trabalhou como repórter em diversas emissoras baianas como a TV Aratu, TV Bahia. Há oito anos nascia a marca *Bocão*, oriunda da atividade exercida no rádio. O programa apresenta alguns quadros fixos como o **Povo na Praça**, **casos policiais** no qual o repórter “mão branca” entrevista delegados e acusados com ironia e deboche e o **Bafafá**, espécie de quadro no qual os conflitos privados são expostos de forma pública.

Análise dos dados

Como já dissemos na introdução deste trabalho, selecionamos como *corpus* trechos dos programas gravados no mês de janeiro de 2008, perfazendo um total de seis programas dos quais selecionamos três para o *Balanço Geral* e três para o *Se liga Bocão*. Escolhemos, como critério, algumas reportagens nas quais os comentários dos apresentadores se fizessem com maior incidência, já que se fazia necessário um recorte diante do volume de material que tínhamos em mãos, bem como em virtude do objetivo de verificar como se constrói os *ethes* dos apresentadores, tendo como parâmetro pistas linguísticas e não linguísticas.

Ethos e enunciação no Balanço Geral

Em geral, na abertura dos programas (doze programas de modo sistemático) sujeito apresentador Raimundo Varela começa o programa gestualmente mediante tapas na mesa. Tais signos já se tornaram uma “marca”, um símbolo deste sujeito comunicante. Tais gestos podem simbolizar, no contexto do programa *Balanço Geral*, a força da denúncia, da revolta, da indignação...

O telespectador é interpelado, convidado a participar implicitamente, assistindo às notícias que farão parte do programa do dia. Esse sujeito constitui o mediador entre a informação (matérias jornalísticas) e o público. Essa mediação ocorre por meio de comentários do sujeito apresentador, permeados de metáforas, ironias, etc. no que concerne à temática das matérias, ao comportamento de políticos, etc. que impliquem um dano à população. Vale-se, ainda, de símbolos (cartões verde e vermelho) que já configuram, junto com

outros signos supracitados, o estilo desse apresentador. Tais signos são indicadores da aprovação ou reprovação de determinadas atitudes ou comportamentos de entidades, autoridades, instituições, indivíduos que não se coadunam com práticas socialmente aprovadas. Com efeito, uma situação, um indivíduo uma instituição, etc. podem receber o cartão vermelho ou verde conforme a sanção desse apresentador, vinculada à imagem de aprovação ou reprovação da população em relação a determinados acontecimentos.

Veste-se com esmero, imprimindo um tom de seriedade a sua imagem jornalística. Movimenta-se no espaço, ocupando a maior parte da cena midiática do programa. Vale-se de uma linguagem coloquial distensa, com a utilização de frases de efeito, máximas e metáforas populares para ilustrar seus comentários. Essa breve análise concentrou-se em aspectos descritivos e gerais em torno desse sujeito comunicante, aprofundá-la-emos mediante os comentários feitos com base nas **cenas de enunciação** (destaque nosso) do programa.

Cabe esclarecer, valendo-nos das categorias de Maingueneau (2001, 2005, 2006) quanto às cenas (englobante, cena genérica e cenografia) e a concepção da enunciação pela ótica comunicacional (CHARAUDEAU, [1992], 2008) que procederemos a uma análise específica para a apreensão do *ethos* do sujeito apresentador do programa. Em decorrência disso, a cena englobante insere-se no domínio jornalístico cuja cena genérica (reportagens, matérias) é predominante no programa e cujas cenografias estão atreladas à enunciação.

Cena1: Crítica à Embasa- conta individualizada

Comentários (Raimundo Varela)

Dona Embasa, atenção: é extremamente injusto quando o vizinho utiliza a torneira e temos que pagar a conta. Vou meter o pau em você, vou meter o cassete. A Embasa está recuando. Quero pagar aquilo que eu uso. E não com meu vizinho.

Neste comentário, valendo-nos das categorias enunciativas (CHARAUDEAU [1992] 2008), o apresentador utiliza de uma enunciação elocutiva. É a primeira pessoa que se destaca neste comentário. Há um jogo entre eu e o nós. O eu mostra-se com seu corpo de denúncia, legitimado para questionar o posicionamento de uma empresa. É o *ethos* da vigilância, da

potência. O nós mostra-se inserido, hipoteticamente, em uma comunidade que compartilha problemas comuns. O emprego do nós inclusivo contribui para o *ethos* da solidariedade.

Cena 2: Críticas ao sistema *ferry-boat*

Tudo que eu falo enforca o Varela, sepulta o Varela. Queria dizer aos poderosos que o poder é de Deus. O homem pensa que tem o poder. O cemitério está cheio de poderosos. Aqui jaz os poderosos. Ali é a casa dos competentes. Ali está cheio de ossos. Apodrece que nem nós.

Nestes atos de linguagem, o tom do apresentador é forte, altissonante. Vale-se de um argumento de autoridade (PERELMAN; OLDEBRECHTS-TYTECA, 2000) para questionar o poder dos que querem que não cumpra o seu papel de porta-voz social. Modaliza seu discurso, ao empregar a perífrase verbal “queria dizer” como recurso retórico. A utilização do futuro do pretérito em vez de “quero dizer” possibilita atenuar o caráter de autoritarismo que possivelmente esse uso poderia indicar nessa enunciação. O argumento de presença, com a utilização da metonímia de cemitério para morte, constitui figura de comunhão com o auditório (PERELMAN; OLDEBRECHTS-TYTECA, 2000). Desenha-se, nessa enunciação, portanto um *ethos* de poder, mas um *ethos* de *potência* a serviço dos “despoderados” cuja voz não tem encontrado eco nos espaços sociais.

Cena 3: Polêmica em relação ao PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador)

Fizeram uma interpretação equivocada do que eu disse. O que eu disse. O que eu disse que o PDDU vale 3000mil reais em obras. Por que no ano de eleição a obra aparece? Tem uns poderosos em destruir e não em construir. Aí estão os representantes do povo. Alguns são meus amigos. Tia Eron não vai receber verba, porque não sabe bajular. Agora vocês têm que ser aliados do

Varela. Esta casa, este apresentador tem muito respeito por vocês. É preciso fiscalizar a prefeitura. Pode estar usando a máquina. E conte com o Varela.

Essa reportagem trata de uma polêmica concernente ao PDDU, fruto de declarações desse apresentador em um programa sobre o fato de a Câmara de Salvador estar comprando o voto dos vereadores por 300 mil reais. Percebe-se explicitamente o uso da enunciação elocutiva, o que implica a presença do orador no discurso, descrevendo o seu ponto de vista. O tom de voz é equilibrado. Afinal, trata-se uma cenografia em que as faces (GOFFMAN, 1980, 1989) do apresentador estão em jogo. Ele precisa explicar-se diante das declarações, precisa justificar-se alegando um equívoco de interpretação dos vereadores em relação ao que foi dito.

Goffman (1999) postula que o indivíduo apresenta uma imagem de si (voluntária ou involuntariamente) em decorrência do objetivo interacional. Assim sendo, o sujeito apresentador visa preservar a sua face positiva, imagem valorizada socialmente (GOFFMAN, 1980). Afinal, trata-se de apresentador sério que tem um forte compromisso social e com a informação. Assim, declarações infundadas, levianas não se coadunam com a imagem de quem está à frente de uma emissão televisiva que mantém um diálogo democrático com a sociedade. Em outras palavras, o programa constitui “a casa do povo”, “a casa da democracia”. Por outro lado, busca preservar a sua face negativa (sua intimidade, seu corpo, seu espaço íntimo) em relação aos vereadores a imagem discursiva desse sujeito joga com as máscaras sociais. É um corpo sóbrio, convicto, equilibrado que se apresenta no discurso. Nesta cenografia, o *ethos* é ponderado. Busca a justa medida aristotélica, a coparticipação do outro na troca comunicativa.

Ethos e enunciação no Se liga Bocão

O jornalista José Eduardo apresenta-se com estilo informal, a sua linguagem é recheada de expressões coloquiais, gírias, etc. (“fumo entrou”, sua batata tá assando”, “bota no paredão”, “vamo lapiar,” entre outras). As matérias são redundantemente mostradas para manter a atenção do telespectador, sobretudo aquelas de maior dramaticidade e espetacularização. Assim, notícias na quais os dramas pessoais estejam presentes (estupros na família, crianças

violentadas, assassinatos, entre outras) parecem constituir o grande cerne do programa, representado por esse jornalista.

O humor está presente, a nosso ver como um mecanismo de distensão, de relaxamento, de catarse que é necessário ofertar ao telespectador diante de carga tensional de que algumas matérias são alimentadas.

Este apresentador jornalista não se atém a permanecer no interior da emissão televisiva. Percorre bairros periféricos de Salvador a fim de entregar uma quantia em dinheiro a uma pessoa que foi sorteada pelo programa. Neste cenário exterior, uma multidão o abraça, pede-lhe ajuda, cestas básicas, etc. Ele, junto com o apresentador Raimundo Varela, são legitimados por essa população, tornando-se os “defensores” do povo. Depois dessa breve apresentação, vamos às cenas:

Cena 4: Mãe desesperada ao ver seu filho preso
Comentários (José Eduardo)

Senhora, veja bem, minha amiga de casa. A senhora não pode descuidar do seu filho. Essa senhora de camisola se depara com Portela (delegado de Polícia) pedindo que saísse de casa que seu filho seria preso. Será que você, filho, quer dar esta notícia a sua mãe? É isso o que eu sinto, eu queria conhecê-la. Coitada, foi um susto danado.

Esse sujeito jornalista interpela o telespectador, geralmente, tratando-o de meu amigo. Essa forma de tratamento interpela a audiência pelo viés da intimidade, da aproximação. Vale-se, portanto, da enunciação alocutiva (CHARAUDEAU, 1992, 2008) na qual o interlocutor está implicado na enunciação e como qual o interlocutor estabelece relação. Busca-se um efeito de uma relação simétrica entre a instância de produção e a instância de recepção. No obstante, sabe-se que o apresentador se encontra numa relação assimétrica de poder. Está legitimado para falar e para denunciar. A instância de recepção, embora não seja passiva não pode interpelar diretamente o apresentador na enunciação mostrada.

A cenografia apresentada nesta enunciação afigura-se a de um aconselhador. Constitui o *ethos* de um pai zeloso, de quem se preocupa com a

dor do filho. É um *ethos* contaminado pelo *pathos*, pelo sentimento daquele que conhece o sentimento de uma mãe.

Cena 5: Cano da Embasa estoura, jogando água em residências

Perderam tudo, safadeza! A Embasa tem que segurar essa brasa. Por que isso só acontece com o povo de baixa renda, com o pobre? Eu gostaria de entender, meu Deus, por que só a periferia de Salvador, até quando? Eu quero que alguém me diga? Eu não vejo isso acontecer no Horto Florestal, na Pituba, caminho das Árvores. Aí o cara chega lá, e o que eu posso fazer pelo senhor? Eu posso fazer o seguinte: o senhor vai pro hotel e traga a nota fiscal. Nota fiscal, uma ova! Vá pro diabo que o parta! Segura a brasa que a Embasa é sua!

Nesta cena, o jornalista comunicador apresenta um tom de voz de força, de revolta, de irritação. Emprega uma metáfora popular, recurso linguageiro com o qual se cria uma relação de comunhão com o auditório (PERELMAN; OLDEBRECHTS-TYTECA, 2000). Valendo-se, outrossim, de uma seqüência paralelística de perguntas retóricas (outro recurso de comunhão com o auditório), o sujeito vai delineando seu *ethos*. Argumenta, baseando-se em imagens estereotipadas sobre as classes sociais. Pode-se inferir, com base no dito desse sujeito, que os problemas dessa natureza só caberiam às pessoas da periferia, aos menos assistidos socialmente. Quanto aos mais abastados, tais problemas não ocorreriam em função da sua realidade socioeconômica. Percebe-se, além disso, que o *ethos* do apresentador orienta-se pelo *pathos* (CALINARI, 2007). Expressões lingüísticas de indignação, de revolta, o tom de voz combativo, o corpo tenso, os gestos hiperbolizados sinalizam para esse *ethos* patêmico.

Considerações finais

O estudo da mídia audiovisual não pode prescindir dessa categoria aristotélica (*ethos*) para a compreensão das imagens que os sujeitos apresentam, visando consciente ou inconscientemente a eficácia discursiva.

Seja no domínio jornalístico, seja em outros domínios (publicitários, literários, etc.), o *ethos* constitui um forte componente para a adesão do auditório/ dos interlocutores. Expostos pelo espelho midiático, tais sujeitos revelam um tom, um caráter, um corpo, uma vocalidade conforme Maingueneau (2001, 2005, 2006).

Nos programas populares ou jornalísticos populares, também rotulados de sensacionalistas da mídia baiana (*Balanço Geral, Se liga Bocão*) por nós analisados, a configuração dos *ethe* dos sujeitos apresentadores afigura-se de suma importância em tais emissões televisivas.

Postulamos, apoiando-nos no autor supracitado, que o *ethos* relaciona-se, sobretudo, com a enunciação. Com base em algumas cenografias, evocadas pelas cenas genéricas predominantes (matérias jornalísticas) nos programas, o *ethos* se apresenta em um *continuum*.

O *ethos*, como vimos, no sujeito Raimundo Varela, ora se transveste com um tom de força, de denúncia, de destemor; ora se transveste de um tom moderado: o corpo é menos tenso, a voz é menos soante. Ainda que menos presente nos programas elencados, o *ethos* emotivo surge com força numa cenografia propícia para tanto. É o *ethos* da fragilidade, da humanidade, da humildade na *mise em scène* da enunciação midiática. Sinceras ou não pouco importam já dizia Aristóteles (Retórica), as emoções afloram, podendo, na maioria das vezes, mobilizar o *pathos* dos sujeitos, alvos desses programas.

No *Se liga Bocão*, as cenografias se apresentam permeadas de dramaticidade. Delineia-se no sujeito enunciador José Eduardo um *ethos* do amigo, da solidariedade. O corpo ora é distenso, o tom de voz é ameno. É um *ethos* movido pelo *pathos*. Ora é um *ethos* de força, com um corpo hiperbolizado de revolta, cujo tom altissonante incorpora a imagem estereotipada das classes não privilegiadas.

Com base nessa imagem do *pathos* do auditório, esses apresentadores buscam a adesão deste, produzindo determinados efeitos de sentido na instância de recepção/ auditório. Tais efeitos, cabe elucidar, são efeitos *possíveis, visados* pretendidos pela instância de produção (apresentadores, diretores, produtores). Assim, o nosso trabalho não buscou analisar os efeitos efetivamente produzidos, já que esse se assenta predominante na análise do discurso. Contudo, é possível observar pelas pistas mostradas no discurso, como as imagens desses apresentadores ganham legitimação e credibilidade

ante um determinado segmento social. Enfim, os *ethe* desses sujeitos revelam-se, mostram-se, nesses formatos televisivos, como uma importante estratégia de captação desse auditório, dessa instância de recepção.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 1998.

BORDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. In: L'économie des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1982.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du Sens et de L'Expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. **Uma análise semiolinguística do texto e do discurso**. In: PAULIOKUS, Maria Aparecida Lino; SIGRID, Gavazzi (organizadores). Tradução Fabiana Komesi e Dilson Ferreira. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. Tradução Ângela S.M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006a.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006b.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Coordenação de tradução Ângela S.M. S Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Pathos* e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William;

MENDES, Emília (orgs.). **As emoções no discurso**, vol.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

EGGS, Ekkehad. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

GOFFMAN, Erwing. A elaboração da face. Tradução Jane Russo. In: FIGUEIRA, Sérvilo Augusto (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GOFFMAN, Erwing. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GALINARI, Melliandro Mendes. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, Ida Lucia;

MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs.). **As emoções no discurso**, vol.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Edições Criar, 2006.

MENEZES, Augusto William. Um pouco sobre as emoções no discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs.). **As emoções no discurso**, vol.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PAULIOKUS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid Castro. IN: LARA, Gláucia Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander. (orgs.). **Análises do discurso hoje**, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. (Lucerna, 2).

PERELMAN, Chaim; OLDEBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PROGRAMAS BALANÇO GERAL E SE LIGA BOCÃO. Disponível em: [http://<www.itapanonline.com>](http://www.itapanonline.com) Acesso em: 18 de setembro de 2008.

PROGRAMAS BALANÇO GERAL E SE LIGA BOCÃO. Gravados em 10, 14, 16 e 21 de janeiro de 2008.